

A Pós-modernidade sob análise: reflexão e crítica dos teólogos da libertação

*Post-modernity under analysis:
reflection and critique of liberation theologians*

Isabel de Lavôr e Silva

Resumo

A pós-modernidade ficou conhecida como um período fortemente marcado pelo individualismo, pelo uso excessivo da tecnologia, e perda de valores tidos como certos pela modernidade. Tais mudanças alteraram a cultura, a arte, a política e a relação entre os indivíduos, estabelecendo novos vínculos entre a religião e a espiritualidade. Diante deste cenário, o presente artigo tem por objetivo, refletir acerca desse período histórico, tendo como referência teórica, a Teologia da Libertação. A partir das contribuições dos teólogos da libertação, busca-se compreender de que maneira esses líderes interpretam a religiosidade pós-moderna. Os representantes da Teologia da Libertação defendem uma corrente teológica que sempre buscou a emancipação dos pobres e a justiça social, conclamando a Igreja a uma maior participação política. Deste modo, o olhar destes pensadores irá nortear a pesquisa, haja visto seu engajamento com temáticas recorrentes da pós-modernidade, em busca de uma relação dialógica com a espiritualidade e teologia.

Palavras-chave: Teologia da libertação. Religião. Leonardo Boff. Rubem Alves. Frei Betto.

Abstract

Post-modernity was known as a period strongly marked by individualism, excessive use of technology, and loss of values taken for granted by modernity. Such changes changed culture, art, politics and the relationship between individuals, establishing new links between religion and spirituality.

Given this scenario, this article aims to reflect on this historical period, having as theoretical reference, the Liberation Theology. Based on the contributions of liberation theologians, we seek to understand how these leaders interpret postmodern religiosity. Liberation Theology representatives defend a theological current that has always sought the emancipation of the poor and social justice, calling on the Church for greater political participation. In this way, the look of these thinkers will guide the research, having seen their engagement with recurrent themes of post-modernity, in search of a dialogical relationship with spirituality and theology.

Keywords: Liberation Theology. Religion. Leonardo Boff. Rubem Alves. Frei Betto.

Introdução

A passagem da modernidade para a pós-modernidade, instaurou mudanças estruturais verificadas em diversos âmbitos: ciência, estética, ética, educação, política, e como não poderia deixar de ser, também na religião. Embora não haja consenso sobre o tema, convencionou-se estabelecer que o período conhecido como modernidade findou-se em meados dos anos 80, dando início a pós-modernidade.¹ Esse período, portanto, é marcado pelo niilismo, sentimento de vazio, ausência de certos valores, ou mesmo sentido de vida.

Assim, o presente artigo propõe a reflexão acerca do período pós-moderno, a partir das contribuições de alguns dos principais representantes da corrente teológica conhecida como Teologia da Libertação. A partir da realidade da América Latina, e da inquietação de religiosos em diferentes países, emergiram debates que passavam a confrontar as tradições da Igreja, se posicionando a favor dos pobres e na luta por justiça social. Os autores que irão conduzir a discussão desse artigo não foram escolhidos ao acaso. Suas obras e histórias de vida repercutem de maneira contundente suas ideias, uma vez que, a Teologia da Libertação representa mais o agir no mundo do que discursos e teorias. O teólogo Leonardo Boff, nascido em Santa Catarina e neto de imigrantes italianos, ingressou na ordem dos Frades Menores Franciscanos em 1959. Durante mais de duas décadas, ministrou aulas em universidades brasileiras e no exterior, atuando em diversas frentes ligadas aos Direitos Humanos a partir da realidade da América Latina. O filósofo, psicanalista e

¹ SANTOS, J., O que é pós-moderno?, p. 8.

teólogo Rubem Alves, falecido em 2014, contribuiu de maneira ímpar para história da educação brasileira, bem como para a literatura. Através de suas críticas em torno das práticas pedagógicas tradicionalistas nas quais se assentam grande parte das escolas, tornou-se uma das maiores referências para a educação no Brasil. Além disso, é reconhecidamente um dos teólogos mais representativos do cenário brasileiro. Frei Betto, frade dominicano e escritor de origem mineira, formou-se em jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Por sua colaboração como escritor e ativista em temas relacionados à justiça social, cultura e educação, é considerado uma figura importante em temáticas relativas à religião e espiritualidade.

A partir do que revelam esses pensadores, certos temas insurgem enquanto mais significativos em relação à religiosidade e teologia pós-modernas. Saúde, ecologia, educação, tecnologia e política são alguns dos assuntos que serão abordados em uma interseção com a religião e a espiritualidade na visão desses teólogos. A metodologia se justifica na medida em que a expressão da religiosidade em qualquer período se manifesta em uma relação de proximidade com outros temas. Assim, a Teologia da Libertação, se apresenta como importante referência, ao propor a análise do cristianismo a partir de parâmetros históricos e sociais.

1. Conceituando a pós-modernidade

É possível que o termo “moderno” soe por demais abrangente, haja visto que pessoas se consideraram modernas “durante o período de Carlos O Grande, no século XII, assim como na França do fim do século XVII”.² Compreende-se, portanto, que se assumiu a *modernidade* sempre que se tomava uma consciência nova, em um período de transição entre o passado e o presente. Deste modo, a chegada de um novo período não estabelece uma ruptura total com o antigo. Assim, o pós-modernismo faz parte do moderno, embora o pós-moderno rejeite o consenso, e não se assente em regras já estabelecidas.³

A compreensão dos indivíduos enquanto seres em constante mutação, é ressaltada nos debates acerca das mudanças no sentido de identidade, características da pós-modernidade.⁴ Assim, há uma tendência pela fragmentação de sistemas, que anteriormente eram considerados demasiadamente rígidos: sexualidade, gênero, classe, etnia, raça e

² HABERMAS, J., *Modernidade versus Pós-modernidade*, p. 86.

³ HABERMAS, J., *Modernidade versus Pós-modernidade*, p. 90.

⁴ HALL, S., *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 9.

nacionalidade são exemplos de fatores que alteram a identidade pessoal dos indivíduos e sua compreensão de si próprios enquanto seres integrados.

A fluidez característica desse momento histórico indica que, assim como a identidade, as relações sociais se encontram em uma permanente instabilidade. O conceito de *liquidez*⁵ traduz esse modelo de sociedade de consumo, que tem a mudança como uma certeza, e a tecnologia enquanto mediação.

Esse período, regido pela economia neoliberal, é reconhecido pela: (i) ênfase exclusiva no cidadão individual e no individualismo, substantivo, procedural assim como metodológico; (ii) compromisso com o voluntarismo sob a forma e o conteúdo de participação política, assim como no recrutamento de políticos; (iii) afirmação de representação territorial e da competição partidária como provedores dos únicos laços legítimos entre o cidadão e o Estado; (iv) confinamento às fronteiras das instituições do estado nacional e cumplicidade (tácita) com o nacionalismo; (v) indiferença em relação às desigualdades persistentes e sistemáticas tanto no que se refere às distribuições de lucros quanto à representação de interesses.⁶

Tais tendências reverberam em mudanças em todo o globo, porém, não com a mesma fluidez. Seria um equívoco ignorar a realidade econômica de cada país e as diferentes respostas a esses mecanismos: “Olha, falar em Direitos humanos na América Latina é luxo: ainda estamos lutando por direitos animais: comer, abrigar-se das intempéries, educar a cria: é coisa de bicho”.⁷

2. Teologia da Libertação: contexto histórico

A expressão da religiosidade de um povo só pode ser bem compreendida, se analisada dentro de um amplo panorama. Assim, as vivências religiosas de países europeus será diferente da realidade da América Latina, conhecida por possuir uma ligação muito particular com a religião. No contexto latino americano, marcado pela desigualdade social, a Teologia da Libertação despontou enquanto um movimento que se opôs a determinados dogmas da Igreja e que atribuía aos pobres um lugar de centralidade para missão cristã. A releitura do sentido do cristianismo assumida pelos teólogos que norteavam o debate defendia a necessidade de posicionamento da igreja frente às mazelas vividas pelo povo. Por essas ideias, os teóricos da Teologia da Libertação foram

⁵ BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p. 47.

⁶ SCHMITTER, P., *Perspectivas da democracia no mundo contemporâneo*, p. 33.

⁷ BETTO, F.; GLEISER, M.; FALCÃO, W., *Sobre a Fé e a Ciência*, p. 157.

perseguidos pela ala conservadora eclesial sendo acusados de marxistas/comunistas, e muitos presos, mortos e torturados.⁸

O sacerdote Gustavo Gutiérrez é considerado uma das primeiras referências para a Teologia da Libertação, cujo livro deu nome ao movimento. A Teologia da Libertação (TdL) baseia-se fundamentalmente em dois pilares: libertação de todas as formas de opressão (política, social, econômica, racial); e o reconhecimento de que essas transformações deveriam se iniciar nas próprias comunidades, e não impostas pelo alto escalão da Igreja.⁹

Um importante evento que merece destaque para o tema aqui proposto foi o Concílio Vaticano II (1961), que abriu caminhos para que a Teologia da Libertação posteriormente pudesse se desenvolver, contando com a participação de dois mil bispos. Na ocasião, buscava-se uma maneira de passar da era Tridentina, nos quais os padres falavam apenas em latim, e se mantinham de costas para os fiéis, para a Moderna, ampliando o diálogo com as novas interpretações dos textos bíblicos.¹⁰ A proposta desses líderes, era utilizar o método histórico-crítico, que consistia em uma leitura científica dos textos, para uma melhor interpretação da Bíblia.¹¹ Os religiosos envolvidos no debate utilizavam-se do conhecimento científico e social para aproximar a Igreja das demandas do homem moderno. O papa Paulo VI foi o responsável pela promulgação dos documentos relativos ao referido Concílio, no qual foram consideradas doze principais mudanças baseadas na: “continuidade-descontinuidade”: (i) a superação possível entre os leigos e clérigos pela substituição do modelo ministerial; (ii) a passagem do sacerdote celebrante a assembleia sacerdotal; (iii) a mudança de uma Igreja-massa a uma igreja comunidade; (iv) a ênfase na Igreja local mais do que na Igreja de claras pretensões universalistas; (v) a reinterpretção do papel do bispo: de colaboradores do papa a colegialidade episcopal; (vi) a mudança antropológica: da salvação da alma à salvação do indivíduo todo; (vii) da doutrinação ou sacramentalização a evangelização integral; (viii) da fuga do mundo à inserção e transformação dele; (ix) a passagem de uma Igreja de prestígio e poder a uma Igreja pobre e livre; (x) do eclesiocentrismo à salvação para além dos muros da

⁸ ADAMS, S., Teologia da Libertação, p. 839.

⁹ ADAMS, S., Teologia da Libertação, p. 839.

¹⁰ ZANON, D., A missa e a fábrica. p.82.

¹¹ SCHMITT, F., Método Histórico-Crítico, p. 337.

Igreja; (xi) do exclusivismo católico ao ecumenismo; (xii) da unicidade da Salvação na Igreja ao Diálogo Inter-religioso.¹²

O Vaticano II foi o concílio que mais contou com a presença de bispos brasileiros ao longo da história, representando uma abertura da Igreja frente aos desafios que diferentes comunidades viviam. Obviamente, o processo de ruptura com estruturas tradicionais da Igreja não se estabeleceu de pronto, sendo necessário um longo período para que esse movimento de renovação se fortalecesse.

Tempos depois do Concílio Vaticano II, em 1968 a Conferência de Medellín foi responsável por reunir os bispos latino-americanos comprometidos com a justiça social. Visavam sensibilizar as pessoas para a necessidade de maior envolvimento da Igreja diante das dificuldades enfrentadas pelos setores populares buscando ações organizadas. Nesse sentido, a educação assumiria um papel central, pois a *libertação* pretendida só poderia ser alcançada com a conscientização e emancipação das pessoas para fora “do cativeiro”.¹³ A partir do empenho desses religiosos, diversos grupos foram formados para desenvolver, além de sermões junto às comunidades populares, uma verdadeira práxis¹⁴ educativa, unindo à teoria a prática reflexiva.

3. Temáticas pós modernas na visão dos teólogos da libertação

Conforme esclarece Leonardo Boff, cada tendência teológica tem uma verdade a propor, e a partir daí, irá definir suas verdadeiras intenções, bem como estabelecerá uma relação com outras correntes doutrinárias. Os autores aqui apresentados refletem os principais ideais da Teologia da Libertação. Embora também haja divergências em suas ideias, esses teólogos unem-se por sua luta em prol da igualdade social, além de possuírem uma visão abrangente do significado da religião, Deus e o ser humano.

Ao contrário do que muitos imaginam, a Teologia da Libertação ainda resiste e se renova, pois seus representantes: “elaboram textos, obras, participam de congressos, e divulgam reflexões que são produzidas seguindo o mesmo método, ainda que utilizando outras mediações”.¹⁵

¹² SCOCULIA, A. C.; PEREIRA, V. P., Educação popular e Teologia da Libertação na ditadura militar, p. 204.

¹³ BOFF, L., Um texto indignado contra a boçalidade de certos grupos da população.

¹⁴ SCOCULIA, A. C.; PEREIRA, V. P., Educação popular e Teologia da Libertação na ditadura militar, p. 28

¹⁵ ALBUQUERQUE, F. C., Teologia da Libertação na pós-modernidade, p. 14.

3.1. Leonardo Boff

Como qualquer agente social e eclesial, o teólogo ocupa um determinado lugar e sua produção teórica e sua prática guardam certa funcionalidade para com esse ou aquele grupo da igreja ou da sociedade, seja apoiando, criticando, condenando ou justificando.¹⁶

Impossível não relacionar o nome de Leonardo Boff com o tema sustentabilidade, pois nos últimos anos, o teólogo tem sido um dos maiores defensores do que ele chama de Ecoteologia da Libertação.

Segundo sua própria definição, a Teologia da Libertação é a corrente que se “coloca contra a pobreza a favor da vida e da liberdade”.¹⁷ As pessoas, entretanto, não são as únicas a viver na pobreza. De acordo com Boff, deve-se reconhecer a pobreza em que vive a Terra, a partir da sua exploração e devastação. Esse “pobre” também precisa ser liberto, assim como toda comunidade de vida no planeta. Conforme afirma, sustentabilidade é o tema mais importante em todo discurso ecológico, pois da sustentabilidade depende a vida na Terra, bem como o futuro da humanidade.¹⁸

A emergência do tema se evidencia na medida em que os avanços tecnológicos e científicos geraram mudanças significativas nos ecossistemas. A crise ambiental que enfrentamos é resultado de um tipo de civilização que coloca o ser humano como “senhor dono” da natureza.¹⁹

Conforme aponta, o cristianismo é também responsável por essa postura arrogante, e relembra a passagem de Gênesis: “Enchei a Terra e sujeita-a e dominai sobre tudo o que vive e se move sobre ela” (1,28). Recorda ainda que o homem foi feito “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26). Deste modo, sendo Deus o senhor do universo, o homem seria soberano na Terra, o que explicaria, segundo Boff, o antropocentrismo como um dos responsáveis pela crise ecológica que passamos.

Recentemente, Leonardo Boff veio a público criticar a passividade da conjuntura política brasileira, onde afirmou que as pessoas se tornaram coniventes com as injustiças sociais e ecológicas. O cenário evidencia uma grave crise ética, que segundo Boff, conduz a um embrutecimento das relações

¹⁶ BOFF, L., Igreja, Carisma e Poder, p. 30.

¹⁷ MAIA, S., Leonardo Boff: a pandemia nos conclama a um novo começo.

¹⁸ MAIA, S., Leonardo Boff: a pandemia nos conclama a um novo começo.

¹⁹ BOFF, L., Um texto indignado contra a boçalidade de certos grupos da população.

humanas, onde os poderes estatais, midiáticos e jurídicos induzem à barbárie: “Este é um texto indignado. Calar-se equivaleria render-se a razão cínica”.²⁰

Em outra ocasião afirmou que aqueles que vivem os valores da justiça e da solidariedade em comunhão com a natureza estão mais próximos de Deus que aqueles que frequentam a igreja, mas passam ao largo dos pobres que se encontram nas ruas.²¹ Nesse sentido, mesmo diante de um “mundo que manipula Deus para atender a interesses perversos do homem”,²² ainda é possível continuar acreditando em Deus. Para Boff, pode-se falar de Deus sem sequer pronunciar o seu nome, enchendo-se de *entusiasmo*: “entusiasmo significa pois, ter um Deus dentro, ser tomado por uma energia singular que nos faz lutar pela vida, pelos direitos e pelos empobrecidos”.

A importância da teologia para Boff, está em sua capacidade de responder criticamente às demandas humanas, “desembocando” na espiritualidade, pois nesse lugar todos se encontram. As religiões fazem guerras entre si, espiritualidade não. Assim, para Boff, é missão da teologia levar as pessoas a encontrarem, ainda hoje, seu caminho “de encontro com a Suprema Realidade”.²³

3.2. Rubem Alves

Deus nos deu asas.

As religiões inventaram as gaiolas.²⁴

O educador e teólogo Rubem Alves é reconhecido como uma das maiores influências para a educação brasileira. Entretanto, além de sua contribuição para o debate educacional, sua importância para a construção da Teologia da Libertação não é menos significativa. Em pouco tempo como pastor, Rubem Alves logo descobriu que suas ideias teológicas o tornavam um inconformado: “Rubem não falava as mesmas coisas que os demais colegas [...]. Ao lembrar aqueles tempos, contou que os fiéis, na sua maioria, não iam – e assim continua – à igreja em busca de pensamentos novos, queriam repetições”.²⁵

²⁰ BOFF, L., Um texto indignado contra a boçalidade de certos grupos da população.

²¹ BOFF, L., Experimentar Deus.

²² BOFF, L., Experimentar Deus.

²³ BOFF, L., Experimentar Deus.

²⁴ ALVES, R., O Deus que eu conheço, p.73.

²⁵ JÚNIOR, G., É uma pena não viver, p. 181.

Apesar do intenso envolvimento que Rubem iria desenvolver com o protestantismo, sua aproximação inicial com a Igreja não se deu a partir de crises existenciais, teológicas ou políticas, como ele mesmo afirmou: “não sabia o que era teologia e não me interessava. Eu não tinha qualquer pendor religioso. [...] o que eu queria eram os passeios pelas matas da Tijuca... Tudo era desculpa para se estar junto”.²⁶ Ainda assim, Rubem se formou bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano, que era filiado à Igreja Presbiteriana do Brasil. Nesse período, cresceu, em Rubem, uma série de questionamentos que, mais tarde, dariam ensejo à sua ligação com a Teologia da Libertação.

Rubem dizia que toda teologia cristã ortodoxa havia se construído em torno da idéia de inferno. Nesse sentido, revela sua decepção com esse viés teológico, que considerava vazio, embora assumisse que algo da tradição cristã ainda permanecesse vívida: a beleza. Para ele, os teólogos amavam a beleza e se preocupavam em transformá-la em palavras e verdades. A arte, de outro modo, considerava como verdade a própria beleza, do que conclui que: “fora da beleza não há salvação”.²⁷

Uma questão recorrente nos debates pós-modernos é a relação estreita com a tecnologia e sua influência nas relações entre os sujeitos, pois sua difusão foi responsável por aproximar as pessoas, mas, também, por distanciá-las. O cenário pós-moderno é, em sua essência, cibernético e computacional.²⁸ Nesse sentido, a “automatização” do ser humano é citada por Rubem ao comparar o homem ao computador: “um computador pode enlouquecer por defeitos no hardware ou por defeitos no software. Nós também”.²⁹ De forma irônica sugere que somente as pessoas banais têm boa saúde mental. Enquanto psicanalista, Rubem possuía um entendimento especial do conceito de saúde. Compreendia ele, que a inquietude é necessária para o crescimento, e que esse processo, comumente, leva ao adoecimento. As pessoas, entretanto, rejeitam a doença em função do prazer e da produtividade. Para Rubem, a doença possui função de ressuscitar sentidos, dando novas cores a objetos antes ignorados: “os artistas todos, sem exceção, são doentes... É preciso que você se transforme em artista”.³⁰

O teólogo também problematizou sobre questões relativas à alienação, que ele considerava típica das massas: “a vontade do povo, além de não ser confiável, é de uma imensa mediocridade. Basta ver os programas de televisão

²⁶ JÚNIOR, G., É uma pena não viver, p. 137.

²⁷ ALVES, R., O Deus que eu conheço, p. 31.

²⁸ SANTOS, J., O que é pós-moderno? p. 5.

²⁹ ALVES, R., Saúde Mental.

³⁰ ALVES, R., A doença, p. 81.

que o povo prefere”.³¹ Na mesma oportunidade, também fez suas críticas à própria Teologia da Libertação, ao afirmar que a mesma tentou sacralizar o povo como instrumento de libertação histórica. Entretanto, segundo ele, o texto bíblico a todo instante, demonstra que Deus e o povo caminham sempre em direções opostas, pois o povo prefere mais as doces mentiras que as verdades amargas. E, ainda, finaliza, afirmando: “o povo que amo não é uma realidade, é uma esperança!”.³²

3.3. Frei Betto

Na América Latina, a porta da razão é o coração; a chave do coração é a religião.³³

Em seu mais recente livro, “O Diabo na Corte: Leitura crítica do Brasil atual”, Frei Betto, convida seus leitores ao seguinte desafio: perguntem à qualquer porteiro, pequeno agricultor, faxineira ou artesão o que eles pensam da vida; certamente, a resposta que eles darão terá uma relação estreita com influências religiosas.³⁴ Conforme explica, a religião é o maior sistema de sentido já criado pelo ser humano:

Só ela contém respostas para os fins da vida e da Terra; a existência de pessoas boas e más; e beleza da natureza e a harmonia de suas leis. Ela penetra o mais fundo da alma e da consciência humanas. Culpabiliza e perdoa; castiga e recompensa; gratifica e salva.³⁵

Assim como no restante da América Latina, o Brasil é considerado um país demasiadamente religioso, onde mais de 80% da população afirmam seguir alguma religião: “como declarou o cientista político Sergio Fausto, ‘em muitos lugares do Brasil, a opção são os três Cs: crime organizado, cocaína ou Cristo’”.³⁶

Uma das maneiras encontradas pelos opositores da Teologia da Libertação para enfraquecer o movimento, foi à disseminação de Igrejas Evangélicas, financiadas pela CIA, para propagar ideias conservadoras.³⁷ Uma

³¹ ALVES, R., O povo que eu amo, p. 3.

³² ALVES, R., O povo que eu amo, p. 4.

³³ BETTO, F., O diabo na corte, p. 71.

³⁴ BETTO, F., O diabo na corte, p. 71.

³⁵ BETTO, F., O diabo na corte, p. 72.

³⁶ BETTO, F.; GLEISER, M.; FALCÃO, W., Sobre a Fé e a Ciência, p. 74.

³⁷ BETTO, F., O diabo na corte, p. 73.

vez que os pobres não poderiam ter acesso à saúde e educação, deviam recorrer à cura baseada apenas nos milagres da Igreja. O perigo dessas estratégias está, segundo Betto, na baixa instrução das comunidades de fiéis, e no peso que esses pastores detêm para indicar candidatos, favorecendo manobras políticas. Conforme esclarece, na América Latina morre-se antes do tempo, pois é esse sistema que alimenta a economia, garantindo a pouquíssimos o direito a uma vida digna enquanto a maioria padece “à prestação”. Deste modo, Betto enfatiza a relação de proximidade entre fé e política, pois as duas possuem a mesma intenção: criar condições para que todos vivam com as mesmas oportunidades, sem qualquer distinção. Assim, a política jamais deve ser confessional, mas sim, buscar atender aos anseios de crentes e descrentes, incorporando os valores da fé. Para Betto, a fé não possui receitas, isso é papel da política. A fé, de outro modo, revela os valores que darão sentido à política.

A partir de uma conjuntura política neoliberalista, vivencia-se a “Teologia da culpa”,³⁸ é caracterizada como sendo a promessa de que Deus dá, a todos, iguais oportunidades – embora, na prática, impere atroz desigualdade, responsabilizando os sujeitos por não terem tido o empenho necessário para ascender socialmente. Nesse sentido, evidencia-se a clara relação entre educação, religião e política, na medida em que o baixo acesso a políticas públicas fragiliza grande parte da população, que acaba encontrando, na comunidade religiosa, a assistência e o amparo negados pelo Estado.

Para Frei Betto, a religião, na pós-modernidade, se reduz à esfera privada, esvaziando seu caráter social. Tal fato, segundo ele, decorre da racionalidade tecnocientífica e econômica, que substituiu a religião pela mídia, manipulando o sagrado a serviço dos “caprichos humanos”.³⁹

Outra forte característica da espiritualidade pós-moderna é a busca por práticas orientais, de rápido alcance, baseadas no individualismo – como a autoajuda e a meditação.⁴⁰ Nesse sentido, o viés político é substituído pelas técnicas psicossociais egocêntricas, que rejeitam o conflito e livram os indivíduos de responsabilidades sociais. A intensa procura por literatura de autoajuda, acompanhada de uma determinada visão/promessa de felicidade, apresenta-se como uma forte característica desse período; o individualismo e a rotina de incertezas levam os sujeitos a procurar formas de garantir-lhes a felicidade.

Frei Betto aponta uma possível resposta para a procura de práticas religiosas menos formais: “a institucionalização, por razões sociológicas, é um

³⁸ BETTO, F., O diabo na corte, p. 121.

³⁹ BETTO, F., Espiritualidade pós-moderna.

⁴⁰ BETTO, F., Espiritualidade pós-moderna.

pouco necrófila, ela vai te sugando a vida porque exige a hierarquia, disciplina, exige um código”.⁴¹ Isso explicaria a volubilidade das relações humanas, que favorecem a expressão de uma religiosidade mais ligada à esfera privada, com menores exigências de compromissos e pactos sociais.

Conclusão

Por acreditar na relevância dos princípios em que se assenta a Teologia da Libertação, buscou-se no presente artigo, refletir acerca do período tido como pós-moderno a partir da interpretação de três grandes teólogos brasileiros: Leonardo Boff, Rubem Alves e Frei Betto. Tais pensadores, através de sua história de vida e obras, evidenciam a importância de uma teologia que considere o aspecto social e histórico de maneira contextualizada.

Enquanto alguns supõem que a pós-modernidade eliminou a dimensão espiritual da existência, substituindo-a pelo tecnocentrismo, a continuidade dos trabalhos desses teólogos, que em muito ainda contribuem para o conhecimento científico e humanitário, evidencia a teologia enquanto uma necessidade. As mutações que a pós-modernidade apresenta impactaram a maneira pela qual as pessoas manifestam sua religiosidade, onde experiências coletivas convivem mutuamente com as individuais, e as religiões tradicionais conectam-se às novas práticas. Ademais, procurou-se revelar a imensa gama de fatores que merece ser considerada quando se propõe a refletir sobre a religião e a espiritualidade. Considera-se a pós-modernidade um período marcado pela negação do consenso, instabilidade nos relacionamentos, personalidades fluidas, excesso de individualismo e centralidade da tecnologia na vida dos sujeitos. Como seria possível que tais condições não alterassem também a maneira pela qual as pessoas enxergam a religiosidade, bem como a expressam?

Considerando, portanto, os desafios vivenciados pela humanidade na esfera política, econômica e social, espera-se que os pensamentos trazidos por esses pensadores possam, de algum modo, reverberar, mantendo vivas suas lutas e seus ideais:

O amor não vence todas as batalhas. Ele conhece derrotas. Mas ganha a batalha decisiva e final. O termo de todas as lutas da existência humana é o abraço amoroso entre todos se reconhecerem como próximos, como irmãos e como irmãs. Passa o sofrimento, passa o ódio. No final só o

⁴¹ BETTO, F., O diabo na corte, p. 72.

amor permanece, aquecendo corações, direcionando para frente e para cima a história e sendo a vida e a alegria da eternidade.⁴²

Referências bibliográficas

- ADAMS, S. Teologia da Libertação. In: ARP, R. (Org.). **1001 ideias que mudaram nossa forma de pensar**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014. p. 839-840.
- ALBUQUERQUE, F. C. **Teologia da Libertação na pós-modernidade: contribuição à humanização**. Belo Horizonte: Perspectiva teológica, 2016.
- ALVES, R. **A doença**. Campinas: Papyrus, 2020.
- ALVES, R. **O Deus que eu conheço**. Campinas: Verus, 2010.
- ALVES, R. **O povo que eu amo**, 21 jul. 2014. Disponível em: <<http://revistavitrineibiuna.com.br/?p=4721>>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- ALVES, R. **Saúde Mental**, 06 out. 2009. Disponível em: <<https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/sa%C3%BAde-mental-por-rubem-alves>>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BETTO, F. **Espiritualidade Pós-moderna**, 06 jun. de 2020. Disponível em: <<https://www.freibetto.org/index.php/todos-os-artigos/204-espiritualidade-pos-moderna>> Acesso em: 26 jul. 2021.
- BETTO, F. **O diabo na corte: leitura crítica do Brasil atual**. São Paulo: Cortez, 2020.
- BETTO, F.; GLEISER, M.; FALCÃO, W. **Sobre a Fé e a Ciência**. Rio de Janeiro: Agir, 2020.
- BOFF, L. **A oração de São Francisco: Uma mensagem de paz para o mundo atual**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BOFF, L. **Experimentar Deus**, 04 fev. 2021. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2021/02/04/experimentar-deus/>>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- BOFF, L. **Igreja, Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, L. Um texto indignado contra a boçalidade de certos grupos da população. **Blog na rede**, 22 ago. 2020. Disponível em:

⁴² BOFF, L., A oração de São Francisco, p. 74.

<<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2020/08/leonardo-boff-sombras-brasil/>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

HABERMAS, J. Modernidade versus pós-modernidade. In: ARANTES, O. (Org.). **Arte em Revista: pós-modernidade**. [s.l.]: CEAG, 1983. p. 86-90.

MAIA, S. **Leonardo Boff**: A pandemia nos conclama a um novo começo, 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://iree.org.br/leonardo-boff-a-pandemia-nos-conclama-a-um-novo-comeco/>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SCHMITTER, P. Perspectivas da democracia no mundo contemporâneo. In: GERSCHMAN, S. (Org.). **A miragem da pós-modernidade: democracias e políticas sociais no contexto da globalização**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. p. 31-42.

JÚNIOR, G. **É uma pena não viver**: Uma bibliografia de Rubem Alves. São Paulo: Planeta, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, J. P. **O que é pós-moderno?** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

SCOCULIA, A. C.; PEREIRA, V. P. **Educação popular e Teologia da Libertação na ditadura militar**. João Pessoa: UFPB, 2020.

SCHMITT, F. Método Histórico-crítico: um olhar em perspectiva. **Estudos Teológicos**, v. 59, n. 2, p. 325-339, jul./dez. 2019.

ZANON, D. A missa e a fábrica: tentativas de controle dos espaços das igrejas pelos bispos coloniais paulistas (1745 – 1796). **História**, n. 28, 2009.

Isabel de Lavôr e Silva

Mestranda em Educação pelo Instituto Federal de Brasília
Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Brasília
Brasília/ DF – Brasil
E-mail: beldelavor@gmail.com

Recebido em: 31/07/2021
Aprovado em: 21/12/2021